



LÂMPADA

Luiz Gabriel Pereira*

na vaidade de me manter vivo, ela ligou meu coração a uma lâmpada, para que soubesse de longe que eu ainda estava ali. e, a cada dia, ela trazia uma nova lâmpada, até que todo o quarto estivesse iluminando e apagando à sinfonia ofegante do meu peito. eu já não mais saía da cama, tantas as lâmpadas e fios pelo chão, teto, paredes, porta, cama. acendendo e apagando. mais forte. mais fraco. até que ela não veio mais e as lâmpadas foram queimando, se apagando, me inundando aos poucos de escuridão. a última lâmpada que se acendeu neste cômodo foi da ideia que tive de rever meu rosto há muito não visto, mesmo que aos tropeços e que pisasse e quebrasse e apagasse mais lâmpadas pelo caminho. mas o suspiro de Narciso em meus ouvidos me fez criar um clímax sinfônico de luzes com meu desespero ofegante e o sangue no chão dos meus pés cortados. mas, ao chegar de frente ao espelho, não há reflexo algum e continuo a sugar mais energia e a dança xamânica das luzes explode pela janela. uma festa, um ritual de arritmia, desespero, luto e luzes. Busquei por mim mesmo em minhas memórias. vácuo. luzes. pisca, pisca, acende, apaga, queima, explode. nem na mente daqueles que não mais são sequer "conhecidos" pude ver meu reflexo. já não tenho a ela, a mim nem a ninguém. agora ando sem rumo pelos confins do labirinto das minhas emoções, agarrado às poucas lâmpadas como um soro.

*Bacharel em Administração pela UFSC, onde atualmente cursa Letras-Português. Publicou um livro de contos de horror, *Delírios Mortais*, em 2018, pela Editora Sinna (sem vínculo atual), e hoje explora novos caminhos na escrita literária. E-mail para contato: luizgabriel@tutanota.com.